

#MUDECOMELAS

OCCUPAR O FUTURO

Jovens mulheres negras e o trabalho
na cidade de São Paulo

Daniel Souza

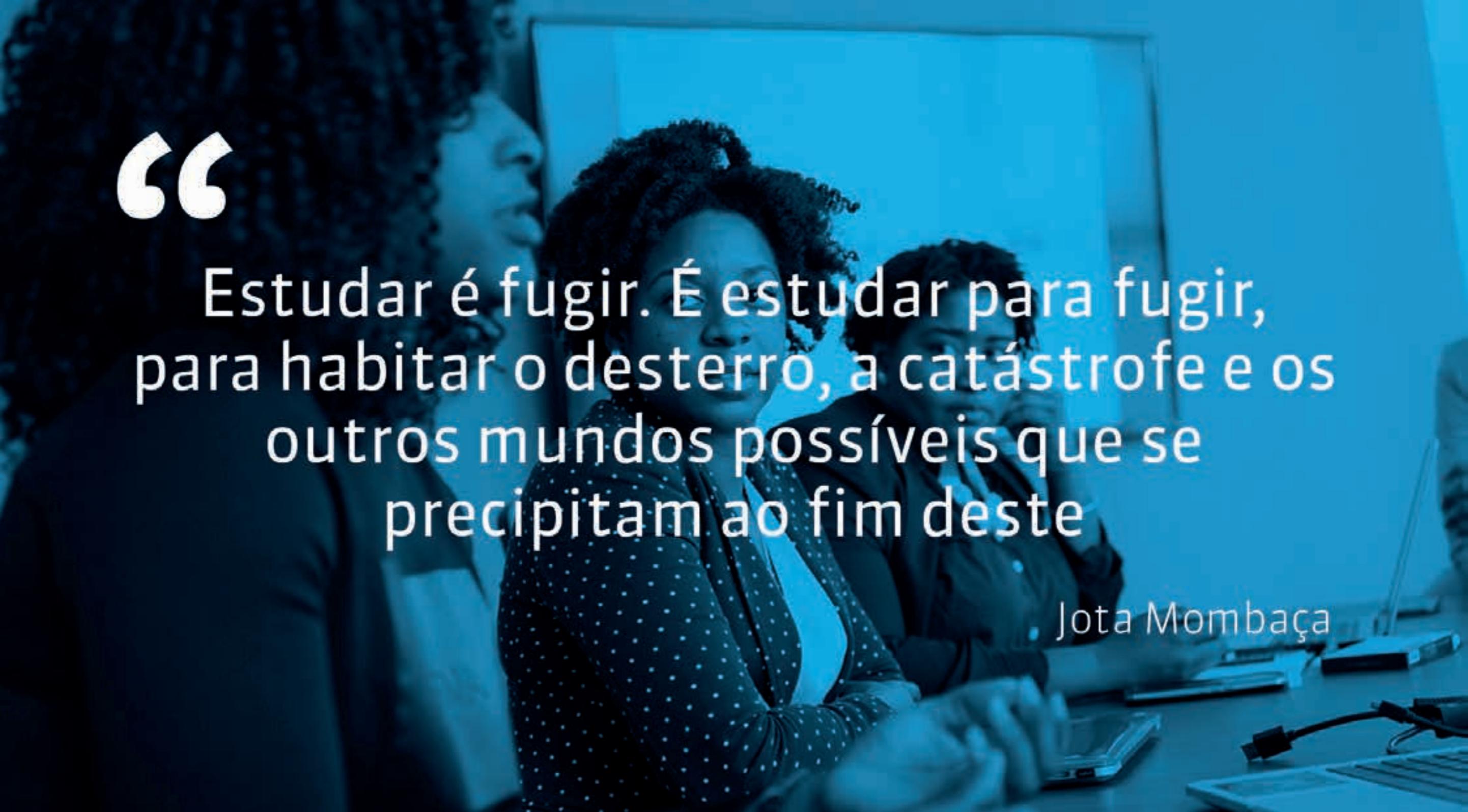


A photograph of three young Black women smiling and embracing each other. The image is overlaid with a semi-transparent purple filter. The woman on the left is wearing a white tank top and has her arm around the woman in the middle. The woman in the middle is wearing a white top and has her arm around the woman on the right. The woman on the right is wearing a white top with a graphic design and has her arm around the woman in the middle. The background is a light-colored wall with vertical lines.

“

Nós precisamos de imagens do
amanhã, e nosso povo precisa delas
mais do que outros

Samuel R. Delany

A blue-tinted photograph of a group of people in a meeting. In the foreground, a woman with curly hair is looking towards the right. Behind her, another woman is partially visible, and further back, a man is looking towards the camera. They are seated around a table with laptops and papers. The overall mood is professional and collaborative.

“

Estudar é fugir. É estudar para fugir,
para habitar o desterro, a catástrofe e os
outros mundos possíveis que se
precipitam ao fim deste

Jota Mombaça



#MUDECOMELAS

IMAGINAR FUTUROS: O PERIGO E O DESEJO

O FUTURO É UMA PALAVRA ESCORREGADIA

Tantas possibilidades e sentidos podem ser dados a esse termo. Por exemplo, entre muitos usos, temos uma força do capitalismo racial/neoliberal: inventar e capturar futuros, imaginações e desejos. E, ao mesmo tempo, em um “estado-corporação”, gerir indivíduos frustrados diante da própria promessa de futuro, na manutenção precária de uma certa sobrevivência ou como corpos marcados pelas políticas de morte.

Dito de outro modo, o neoliberalismo, nos termos de Stefano Harney e Fred Moten, é a conclusão da estratégia sulista dos Estados Unidos, uma “hegemonia global dos plantocratas”. A plantotocracia e sua linha racial, com o modelo das plantations, busca “controlar e concentrar toda a terra, toda a água, todo o ar, toda a comida, animais e plantas. Empurrar pessoas para as fábricas foi apenas uma tática temporária nesse controle e concentração, não o objetivo do jogo” (HARNEY & MOTEN, 2008). O modo de operação capitalista passa diretamente pelas tentativas de sequestro do futuro, para ninguém “sobreviver fora de suas regras”. Esse é o “objetivo do jogo”, antes de tudo.

Aqui está um problema: para além das urgentes e necessárias estratégias de acesso, de permanência e das possibilidades de deslocamento nas empresas – para se enfrentar as desigualdades raciais, de gênero/sexualidade e etárias – com quais lógicas sonhamos, quais as dinâmicas e concepções do que seja trabalho? Qual vida se deseja?



A sistematização “ocupar futuros” assume, para tentar escapar dessa imagem de futuro capturado, o afrofuturismo como a sua referência e o seu ponto de partida. Para isso, o compreendemos como abertura para modos de vida, para construção de saberes e para criação de mundos. Samuel R. Delany definirá o afrofuturismo como uma “ficção especulativa que trata de temas afro-americanos e que lida com as preocupações afro-americanas no contexto da tecnocultura do século vinte”, “com imagens de tecnologia e de um futuro prosteticamente aperfeiçoado” (DERY, 2020, p. 16). Mas há um dilema no desejo, que é expresso da seguinte maneira: “pode uma comunidade que teve seu passado tão deliberadamente apagado, e cujas energias foram subsequentemente consumidas na busca por traços legíveis de sua história, imaginar futuros possíveis?” (DERY, 2020, p. 16). Ou: ainda é possível ensaiar possibilidades de um amanhã?

Quando se busca criar modos de vida desde dinâmicas e redes de poder e resistência, tem-se um dilema bem presente a partir das construções de racialidade e do sistema de sexo/gênero. Ao se ver no mundo como uma jovem mulher negra muitas imagens são abertas. Reconhecer-se como sujeito de sua história traz em seu movimento contrário o sujeitar-se a uma invenção de si mesma em um esquema colonial e moderno. Samuel R. Delany retoma James Baldwin diante desse problema. Baldwin, em *The Price of the ticket*, percebeu de repente que não havia brancos, a “‘branquitude’, como indicação de uma raça, era simplesmente uma fantasia fruto da ansiedade na qual certas pessoas foram treinadas a embarcar imediatamente [...] sempre que encontravam certas outras pessoas que eles codificavam como negros ou não-brancos” (DERY, 2020, p. 25). A invenção de um outro corpo, a negação desse outro corpo como “não-branco” se sustenta na fantasia ou no “espasmo de medo”. Estamos, portanto, diante de um “delírio maniqueísta” da raça, como provocou F. Fanon (2020). Identificar-se como um corpo negro é, antes de tudo, ocupar a racialidade para ir além da invenção da raça.

Denise Ferreira da Silva em suas investigações sobre a “imaginação” e a “poética negra feminista” segue um caminho próximo da intenção afrofuturista, buscando identificar e mobilizar “o excesso que sustenta a lógica como um índice de uma outra imagem do mundo e das possibilidades que esta abriga” (SILVA, 2019, p. 36).

Desejar outros mundos passa pelo fim de um mundo. Se pensarmos no “mundo do trabalho” em uma “racionalidade neoliberal” (DARDOT & LAVAL, 2016) temos traços fundamentais como a concorrência, não a troca; a submissão do próprio estado e sua ação à norma da competição privada, um “estado-empresa”; e a construção de subjetividades em que a concorrência guia as relações entre os indivíduos, criando-se, assim, o “indivíduo-empresa” em dinâmicas de desempenho, eficiência nas metas e operatividade.



O FUTURO É UMA PALAVRA PERIGOSA

Diante da necessidade de acesso ao trabalho, temos o desejo por outro amanhã fora dessas “saídas infernais” propostas na trama estado-mercado. Por isso, uma provocação de Denise Ferreira da Silva nos movimenta: “a poética negra feminista vislumbra a im/possibilidade da justiça, a qual, desde a perspectiva do sujeito racial subalterno, requer nada mais nada menos do que o fim do mundo no qual a violência racial faz sentido” (SILVA, 2019, p. 36). Um “Mundo Ordenado” (SILVA, 2019, p. 40) que se organiza pela separação e hierarquização da vida (brancos/não-brancos), que se desdobra na determinação (e decisão) sobre a “verdadeira natureza” das coisas (inclusive do corpo negro feito fetiche) e caminha, como um movimento em sequência, para uma determinada invenção de progresso e povo-nação desenvolvido e moderno. Para quem? Por isso, desde o afrofuturismo e desde uma poética negra feminista, nos deparamos com a necessidade de um pensamento que se guie, em vez do Entendimento, pela Imaginação diante do fim (SILVA, 2019, p. 151).

Qual vida se imagina? O problema do entendimento, com a referência nas categorias modernas de ciência, razão e sujeito, seria realizar, segundo a própria Denise Ferreira da Silva, um “diagnóstico da desvalorização das populações humanas construídas como não-brancas/não-europeias” (SILVA, 2020). Mas, a que serve ou para que serve o mero diagnóstico que sinalize a vulnerabilidade das jovens mulheres negras no acesso ao trabalho? Que estamos diante de um “desvio dos princípios universais (morais)” e por isso necessitamos conscientizar

a população e o estado para essa profunda realidade? Ou ainda: para afirmar que o mundo moderno (incluindo a ideia de trabalho) tem a desvalorização como sua constituição e necessitamos caminhar para um ideal de igualdade universal que ainda não foi completado e encerrado? Tanto o “desvio moral” quanto a busca de completude do projeto moderno de um “sujeito universal” (um “sujeito de direitos”?) parecem cair no problema da acomodação dos corpos negros numa determinada lógica de “plantocracia” e o seu intento de controlar tudo.

Jota Mombaça (2016) toma a personagem Lauren Olamina, central no livro *A parábola do semeador*, de Octavia Butler, como uma referência. A percepção de Lauren é que “o mundo que lhe foi dado conhecer está por um fio”. Ela tem a capacidade de “absorver as dores e intensidades de todas as coisas vivas à sua volta”, e mesmo diante dos processos traumáticos e dos efeitos da violência, busca ensaiar aprendizagens para uma vida. No diálogo com Joanna, sua amiga, aparece a pergunta de “como ler o futuro”. A resposta de Lauren é certa: “é assustador, mas depois que você atravessa o medo, é fácil”. O desafio de passar pelo medo, perceber a catástrofe e as “forças que estão em jogo” em suas redes, para agir e ocupar o futuro, sem cair no otimismo vazio. A partir do colapso de um mundo, ainda saber viver um presente no perigo do agora, com a ampliação de um “estado-securitário” como estratégia de um “estado-corporação”.





Em diálogo com Fred Moten e Stefano Harney, Jota Mombaça busca compreender o que significa “estudar”, especialmente um “estudo preto”. No fundo, é um “estudo sem finalidade”, estudo para a fuga, para o plano de fuga, isto é: para a fuga sem finalidade, para a fuga indefinida em meio à noite preta dos subcomuns” (MOMBAÇA, 2016, p. 47). Estudar para, ainda nesse mundo e em suas negociações, criar planos de saída no trabalho e do trabalho como o conhecemos. Estudar para habitar o movimento de uma imaginação que não se encerra no mero “diagnóstico” – mas que sabe muito bem jogar com sua “gramática” e seus esquemas ambivalentes de captura do corpo negro. Aqui pode se apresentar o perigo e o desejo com esse trabalho.



#MUDECOMELAS

O PERCURSO DA SISTEMATIZAÇÃO

A pesquisa favoreceu a possibilidade de encontros que aumentaram a potência de agir e habitar o mundo, de circular desejos e imagens do amanhã e de criar meios possíveis de cuidado.

O material aqui organizado tem a intenção de narrar um processo de investigação sobre o acesso ao trabalho na cidade de São Paulo. Escolhemos um percurso metodológico que dialoga com o desejo de “ocupar o futuro”. Em um primeiro momento, a nossa intenção foi suspeitar dos próprios modos de pesquisa que procuram “revelar” as compreensões das jovens mulheres negras e “comprovar” certos pressupostos já definidos sobre o “mundo do trabalho” em uma determinada produção de conhecimento. Um modo de estudo que ainda se sustenta na separação hierárquica: sujeito x objeto, pesquisadores x pesquisados, pesquisadores x interlocutores. Para além desse esquema determinado de relação de poder, uma pergunta se mostrou mais interessante e potente como um escape: “que modos de conhecer podem contribuir para a criação e potencialização de projetos coletivos de autonomia?” (MORAES, 2017).



O que move a investigação, portanto, é o próprio processo, o modo de como fazer, em um desejo pela vida. Para fora de um esquema de “inquirição averiguadora de valores” diante do trabalho, busca-se construir saberes e modos de vida numa “pesquisa-luta” (MORAES, 2017), nos interstícios, nas fissuras e arranjos diante das ambiguidades, das demandas e das complexidades da experiência vivida por esses corpos negros. Não existem “sujeitos prontos” em suas categorias de classe, gênero/sexualidade e raça. Estamos diante de relações, tramas, desejos, prazeres, sofrimentos cotidianos. Desde uma provocação de Jota Mombaça e Musa Mattiuzzi, quando falamos de trabalho, nos situamos “aquém” e “além da representação”. Por isso, “não se trata simplesmente de afirmar que a sub-representação é um problema que deve ser resolvido com mais e melhor representatividade (isto não é sobre lugar de fala!), mas de pensar de que modo a representação preta como ‘objeto de não valor’ (Hegel) implica a constituição da pretitude como uma categoria que colapsa a representação e o valor” (MOMBAÇA & MATTIUZZI, 2019, p. 20-21). Voltamos à urgência do colapso, da catástrofe, do fim de um determinado mundo a partir de redes e de provisórias alianças afrofuturistas, entre diferentes saberes e desejos situados, num contexto de intensas transformações nas formas de trabalho e nas formas de representação (MORAES, 2017).

Com este modo de produzir conhecimento, um meio “explosivo”, interessa-nos narrar como acontecem as relações entre percursos/projetos de vida de algumas jovens mulheres negras e as construções de subjetividades mediante as ligações com o espaço de trabalho. Quase que seguindo o movimento de Lauren Olamina, talvez estejamos no exercício de absorver as “dores e intensidades” dessa relação subjetividade-trabalho para saber-criar “plano de fuga”. Fazer essa pesquisa, assim, como uma possibilidade de experimentação e de criação, sem a entrega – como se fosse possível - de uma “fórmula guia” para nos confortar ou apresentar um caminho de salvação (MORAES, 2017). Ou ainda: sem a construção da jovem mulher negra, na busca por trabalho ou no próprio trabalho, como heroína ou como mártir – em seu sofrimento ou culpa.

O percurso metodológico da sistematização “ocupar o futuro” se deu, portanto, a partir de uma cocriação, um processo de registro e de partilha colaborativa de experiências que assumem as dimensões relacionais do processo de pesquisa, num espaço de compartilhamento, de criação e de convívio (ARCEBI, 2021). Ao se construir uma pesquisa compartilhada, assumimos alguns momentos em que essa marca se evidencia: os processos de gravação para a web-série “future-se”; os encontros educativos para o diálogo e partilha de angústias, sonhos e perspectivas de formação em direitos humanos; e a realização de um grupo dialógico [1] sobre as imaginações sobre o trabalho.

O que apresentamos agora é um modo-de-dizer mundos imaginados a partir de problemas que orientaram tanto a gravação da web-série quanto a realização do grupo dialógico. Para além de um “resultado” aqui indicado, entendemos que a pesquisa favoreceu a possibilidade de encontros que aumentaram a potência de agir e habitar o mundo, de circular desejos e imagens do amanhã e de criar meios possíveis de cuidado.





#MUDECOMELAS

OS MUNDOS IMAGINADOS



Para a apresentação das narrativas sobre o “mundo do trabalho”, selecionamos alguns dados que indicam tendências e movimentos sobre o desemprego no país.

Tomemos como exemplo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD, 1º trimestre de 2021), elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

14,8 milhões de desempregados

14,7 %

da população economicamente ativa

Esse índice ganha maior destaque entre as pessoas mais jovens. De 14 a 17 anos, 46% estão em busca de trabalho; de 18 a 24 anos, 31% das pessoas estão desempregadas. Também vemos que essa realidade afeta mais as mulheres (17,9%) em relação aos homens (12,2%) e mais as pessoas pretas (18,6%) e pardas (16,9%) do que as pessoas brancas (11,9%).

Agora nos aproximamos das informações presentes na Nota técnica da Secretaria de Política Econômica do Ministério da Economia (17/08/2021) sobre a “caracterização da taxa de desemprego de longo prazo brasileira”. Esse dado refere-se às pessoas que estão a mais de dois anos desempregadas. A base para a leitura são os dados da PNAD Contínua referentes ao primeiro semestre de cada ano, para o período 2012-2020. De maneira sintética, a Nota nos indica que essa taxa tem o seu predomínio em mulheres (uma proporção de 2 para 1 em relação aos homens), pessoas jovens com idade entre 17-29 anos (uma proporção de 1 para 1 com todas as outras faixas somadas) e pessoas com baixa escolaridade (no máximo cerca de 80% possuem nível médio).

Outro dado significativo para a composição da análise foi apresentado pelo DIEESE diante da pandemia da Covid-19 (novembro/2021). Entre o 1o e o 2o trimestre de 2020 (PNAD Contínua), 8,9 milhões de homens e mulheres saíram da força de trabalho. São aquelas pessoas que “perderam empregos ou deixaram de procurar colocação por acreditarem não ser possível conseguir vaga no mercado de trabalho” (DIEESE, 2021).

Desses, 71,4% eram negros:

40,4%

MULHERES

31,0%

HOMENS

Se olharmos a comparação entre os segundos trimestres de 2021 e de 2020, vemos que havia 2,9 milhões de negros ocupados a mais do que no ano passado (47,0% do 1o trimestre de 2020). Para as pessoas não negras, dos 2,5 milhões que perderam as ocupações entre o 1o e o 2o trimestre de 2020, 59% voltaram a trabalhar em 2021.

A segunda edição da pesquisa Juventudes e a pandemia do Coronavírus (2021) realizada pelo Conselho Nacional de Juventude, com um relatório especial sobre a cidade de São Paulo, também apresenta informações relevantes para a relação entre jovens e o trabalho. Na síntese de aprendizados, encontramos: a maioria dos jovens que responderam a pesquisa se encontram dependentes financeiramente, mesmo que quase metade deles esteja trabalhando; dos jovens que não estavam trabalhando no momento da pesquisa, 5 em cada 10 deles realizaram alguma atividade remunerada durante a pandemia, na informalidade e com trabalhos por conta própria; especialmente as juventudes negras, as atividades de complementação de renda se deram especialmente na prestação de serviços para pessoas ou empresas, parcial ou totalmente presencial. Por fim, segundo o projeto GOYN/United Way Brasil (2021), São Paulo possui 2,5 milhões de jovens entre 15 e 29 anos e 30% deles estão em vulnerabilidade social.



A breve apresentação de dados ou perspectivas de análise indicam uma dificuldade na constituição de informações sobre juventude e acesso ao trabalho que levem em consideração a interseccionalidade, a transversalidade e a territorialidade nos cruzamentos estatísticos/narrativos. Por isso, uma certa importância daquilo que foi apresentado até aqui esteja mesmo na indicação de tendências em um cenário de desemprego que afeta com maior destaque jovens mulheres negras. Mas este é o ponto central e significativo dessa sistematização? O diagnóstico da vulnerabilidade é o fim desse projeto? Os estudos estatísticos são fundamentais como referências para a construção e efetivação das políticas públicas. Mas desejamos nos deslocar desse lugar para voltarmos aos diálogos sobre imaginação, desejo e projetos de “fuga”. Por esse motivo, organizamos pequenas intuições sobre o trabalho a partir das experiências desenvolvidas ao longo desse período do projeto “mude com elas”.

TRABALHAR É “PRODUZIR ALGUMA COISA”

Decidimos pensar por problemas e inquietações. Não para apresentarmos “comentários corretos”, respostas ideais, saídas plausíveis e possíveis, mas para forjarmos espaços de suspeita, de escuta e cuidado, de produção de um conhecimento cocriado.

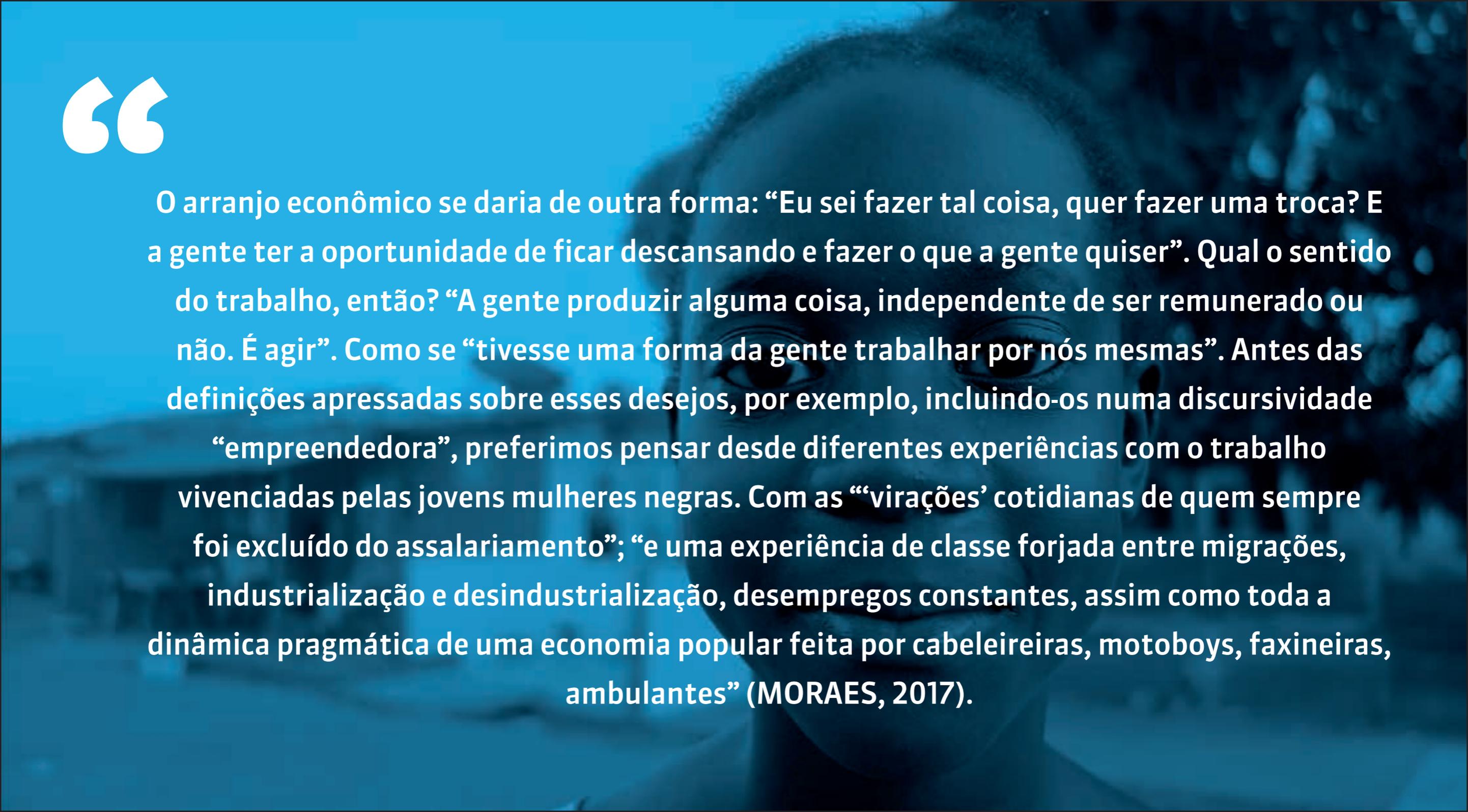
Pensemos em um primeiro problema: qual o sentido do trabalho? Logo escutamos em nosso grupo: “trabalhamos por necessidade. Quando alguém fala trabalho, é porque preciso, necessito”. E logo em seguida aparece uma provocação importante que, por meio de conversas sobre o trabalho, nos coloca na indagação sobre o próprio trabalho. “Se você pudesse, você viveria sem trabalhar? Hoje em dia você não escolhe se você quer trabalhar. Você tem que trabalhar, não é uma escolha que você tem. É uma obrigação”. Uma reflexão que se junta à fala de outra pessoa: “Nunca trabalhei por prazer. Trabalhei porque eu precisava. Depois de um certo tempo, parece que é uma obrigação sua trabalhar. Chega uma hora que você tem que trabalhar, tem que ter um emprego”. Mas outra mulher, ao buscar um “lado diferente” na conversa, aponta que “não suportaria ficar parada e sem trabalhar. Eu não sei se eu ficaria em casa sem fazer nada”. E acrescenta um elemento que pode se vincular a um sentido: “quando você se encontra e faz algo que você gosta, as vezes você não olha só pelo dinheiro”.

As complexidades entre necessidade e prazer, obrigação e escolha, sentido da vida e urgência para a manutenção da vida estão postas no jogo sem uma separação definida, distinta e bem localizada. São os “corres” diários diante da insegurança do agora. Como criar formas de viver a partir dos “interstícios” entre esses “polos”? Há uma pergunta apresentada por outra pessoa do grupo que parece nos movimentar: “qual a visão de trabalho que temos?”. Há uma imagem que aparece: “você ter que sair de casa em tal horário, cumprir determinadas regras no serviço, fazer tal trabalho, mesmo que você não goste”. Mas o que é trabalho? É apenas esse relacionado a um imaginário em que trabalho, como ela sinaliza, é “viver mais tempo fora de casa”, “com metas”, “recebendo pouco”? Ou o que outra mulher afirma: o trabalho como “algo desgastante”, em que “se tem que fazer a mesma coisa todo dia”, “ter que aguentar e quando chegar em casa descontar no seu filho”? Para não se reduzir a esse modo de trabalho, que analisamos desde a “plantocracia” e o neoliberalismo, há uma formulação apresentada no grupo por uma das mulheres: “o trabalho do cotidiano”, da organização da vida e não aquele “voltado ao capitalismo, em que todo mundo é máquina, com uma durabilidade pouca de vida. Seria uma boa se a gente não trabalhasse dessa forma”.





Ao falar de outros modos de trabalho, em agenciamentos de economias do cotidiano, falamos das estratégias de cuidado e de construção de arranjos de cooperação para que o fim não seja a operatividade do trabalho das metas e que se tenham espaços para o descanso - com o “pagode do fim de semana” e a “descida para a praia”.



O arranjo econômico se daria de outra forma: “Eu sei fazer tal coisa, quer fazer uma troca? E a gente ter a oportunidade de ficar descansando e fazer o que a gente quiser”. Qual o sentido do trabalho, então? “A gente produzir alguma coisa, independente de ser remunerado ou não. É agir”. Como se “tivesse uma forma da gente trabalhar por nós mesmas”. Antes das definições apressadas sobre esses desejos, por exemplo, incluindo-os numa discursividade “empreendedora”, preferimos pensar desde diferentes experiências com o trabalho vivenciadas pelas jovens mulheres negras. Com as “virações’ cotidianas de quem sempre foi excluído do assalariamento”; “e uma experiência de classe forjada entre migrações, industrialização e desindustrialização, desempregos constantes, assim como toda a dinâmica pragmática de uma economia popular feita por cabeleireiras, motoboys, faxineiras, ambulantes” (MORAES, 2017).

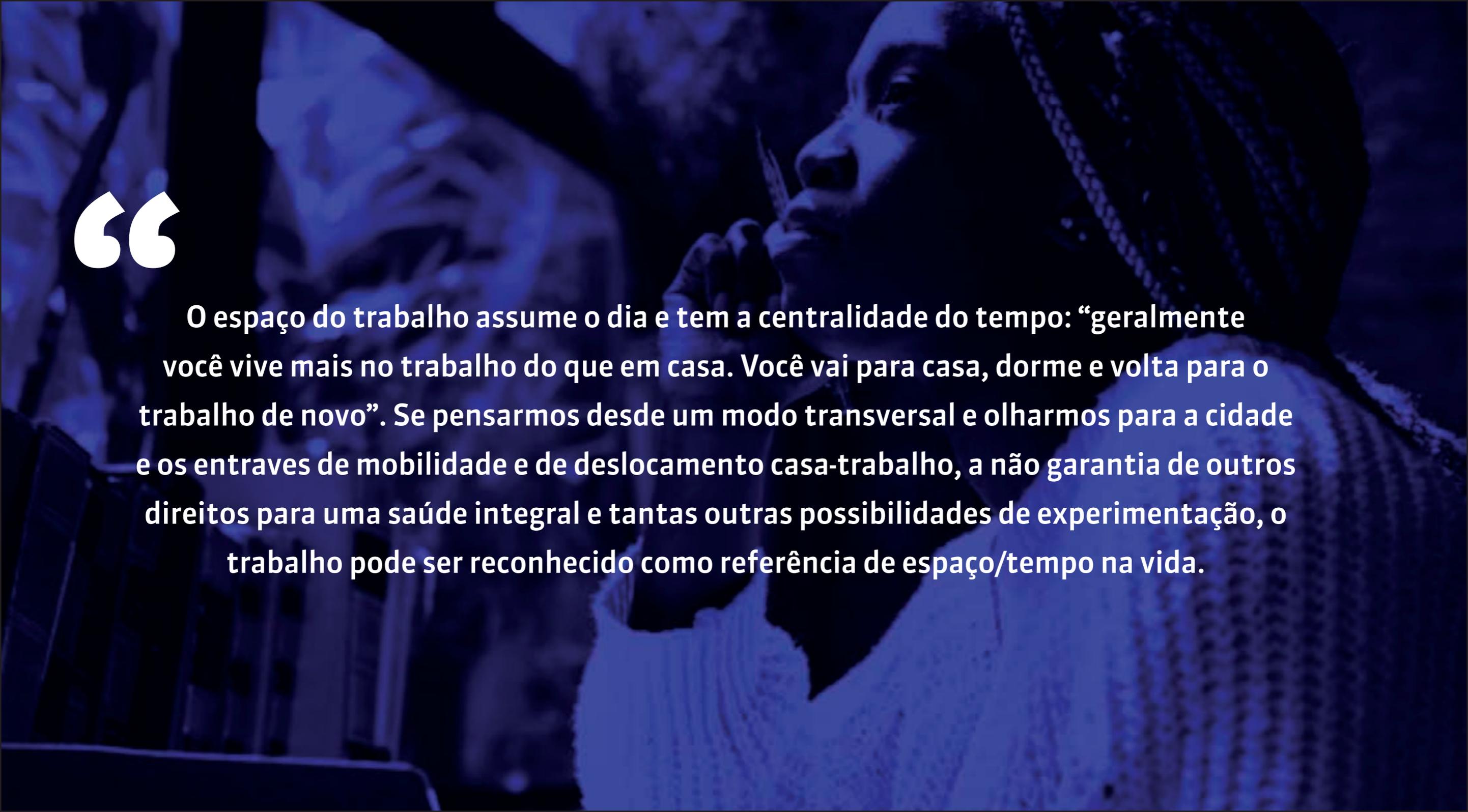
Estaríamos, assim, envolvidas no “trabalho do cotidiano” e na produção do cuidado, que inclui: a “preservação da saúde mental”, a “não exploração”, a possibilidade de “ficar de boa” e a articulação para se “trabalhar por nós mesmas” em nossa “ação” no mundo fora desse trabalho sem escolha, um trabalho como uma obrigação.

**“SE UMA DE NÓS NÃO IA TRABALHAR NA
LOJA, NENHUMA DE NÓS IA”**



Os problemas agora são baseados na indagação sobre os vínculos e as alianças:

- construímos boas relações no trabalho?
- Teve importância o vínculo com pessoas negras?
- Quais funções elas ocupavam?
- Alguma chefe ou algum chefe era negro?



“

O espaço do trabalho assume o dia e tem a centralidade do tempo: “geralmente você vive mais no trabalho do que em casa. Você vai para casa, dorme e volta para o trabalho de novo”. Se pensarmos desde um modo transversal e olharmos para a cidade e os entraves de mobilidade e de deslocamento casa-trabalho, a não garantia de outros direitos para uma saúde integral e tantas outras possibilidades de experimentação, o trabalho pode ser reconhecido como referência de espaço/tempo na vida.

Atrelado à importância de mudarmos essa lógica em que a vida é cooptada pela necessidade do trabalho, tem-se também a importância de se criar “vínculos, uma amizade de certa forma, criar um afeto. Seria insuportável passar a semana inteira em um lugar em que você não conversa com ninguém, não fala com ninguém”. Junto a essa leitura, temos mais um elemento, anunciado diversas vezes nos diálogos: o “ser como eu”. Ou dito de outro modo, falamos das “pessoas parecidas com você, que passam pelas mesmas situações, acordam no mesmo horário, vão para o mesmo canto todos os dias, isso faz com que a gente suporte melhor o dia a dia”. Há uma invenção provisória de um “nós”, um arranjo para se criar um terreno “comum” em um mesmo espaço.

Neste ponto, também se inclui a importância de se ter a presença de pessoas negras no trabalho: “tenho a sorte de ter uma chefe negra, mulher” e “ter o convívio com pessoas negras de diferentes religiões. Não tem trabalho melhor que trabalhar com gente do seu povo, gente da sua gente”. Em outra experiência, como “divulgadora externa no centro”, “eu era a única pessoa negra, era um ar pesado, diferente de um trabalho que te acolhe”. Mas esse cenário não é exclusivo do trabalho, é presente desde a escola, em que “raramente se vê um professor negro, uma professora negra, um gay, uma pessoa trans dando aula. É sempre na cozinha, na faxina. Os professores são todos brancos, do cabelo liso. Quando você encontra um professor fora do ‘padrão’, você já se anima”.

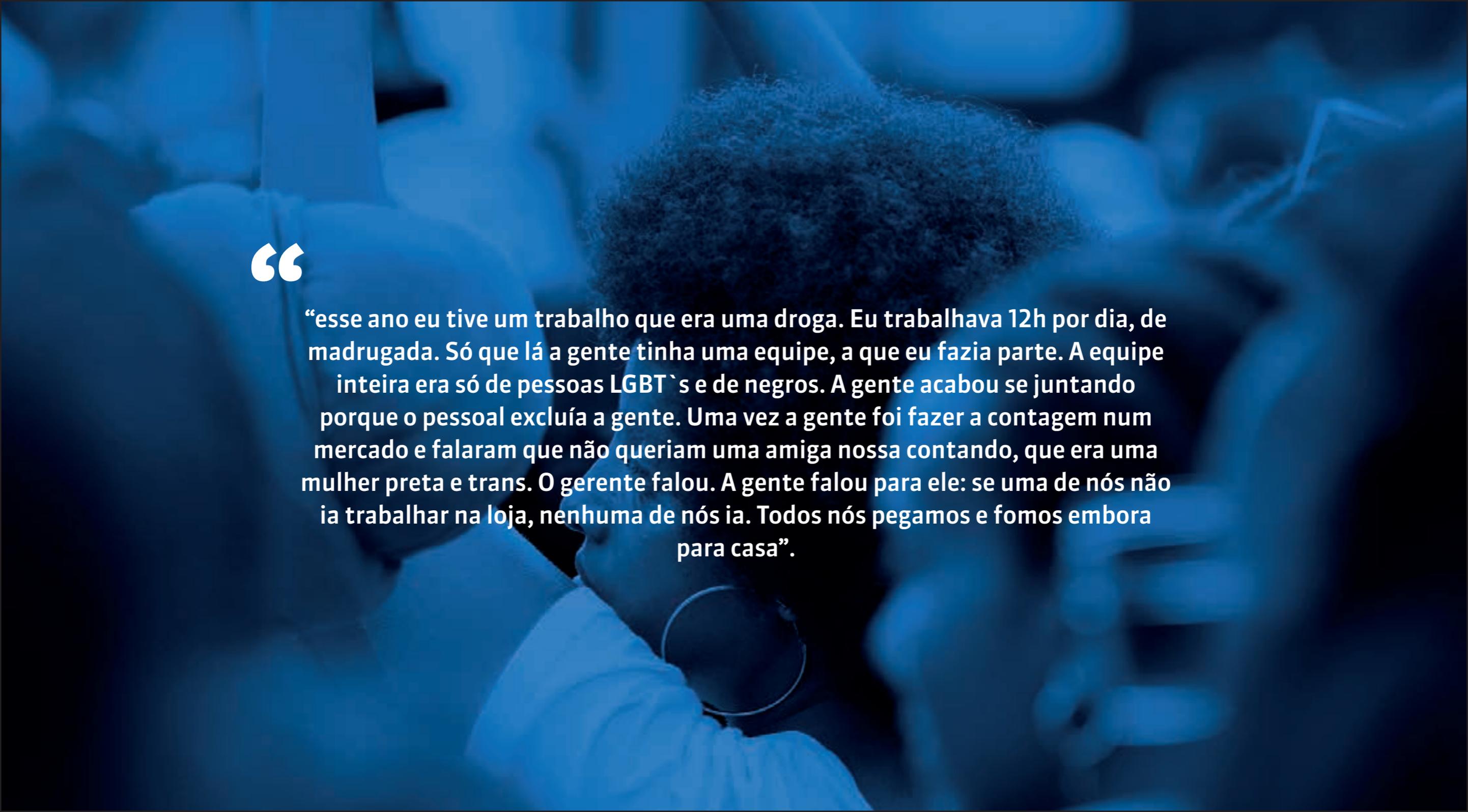
As dinâmicas do racismo, do sistema de sexo/gênero e do capitalismo constroem processos de sofrimento psíquico. Como sinaliza F. Fanon em sua análise psicológica, “a verdadeira desalienação do negro requer um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais. Se há complexo de inferioridade, ele resulta de um duplo processo: econômico, em primeiro lugar; -e, em seguida, pela interiorização, ou melhor, por epidermização dessa inferioridade (FANON, 2020, p. 28). Sabemos, inclusive para Fanon, que a interiorização não se dá apenas pelas leituras econômicas. Há outros elementos nas redes de interseccionalidade. A “epidermização da inferioridade” está colocada: “Poxa, será que sempre o problema sou eu? Ou que problema que eu tenho. Em muitos trabalhos que passei, vivi muitos preconceitos. Será que eu sou o problema? Não tenho oportunidade. Por que as pessoas me tratam dessa forma? Eu também tento não me culpar. Mas o passado ainda está comigo e me machuca bastante”. São muitas lembranças e dores que aparecem: “olha o tamanho da sua boca”, “nossa, vai fazer a sua sobancelha”, os questionamentos sobre a orientação sexual e tantas memórias.



O processo de sofrimento acontece desde muitas “frentes”. Se olharmos com atenção os movimentos de violência global, os processos de racialização da vida e a constituição e operação do sistema de sexo/gênero, fazemos essas perguntas: “quem conta como humano? Quais vidas contam como vidas? E, finalmente, o que concede a uma vida ser passível de luto?” (BUTLER, 2019, p. 40). Esse problema se mostrou tão inquietante na pandemia do coronavírus. Quem pôde viver o luto, quem pôde escolher suspender o trabalho presencial em nome da segurança familiar e para a redução de riscos?

O artigo de Helena Abramo e André Sobrinho (2021), apresentado na Sala de Situação: Juventude e a pandemia do coronavírus (Agenda Jovem/Fiocruz), indica que são os “jovens mais pobres que vêm sendo submetidos à exposição ao coronavírus, e não somente porque se amontoam em festas. A circulação ocorre em função de sua necessidade de trabalhar, estudar e ‘tocar a vida’. Inclusive, apoiando os mais vulneráveis aos desdobramentos agudos da infecção” (ABRAMO & SOBRINHO, 2021). A precariedade da vida está posta. Mas nesse caso particular, a vulnerabilidade dos corpos dessas mulheres negras também pode ser um ponto de partida para a constituição de alianças, de relações de segurança, de experiências de afeto e de ação.

Há um relato significativo sobre essa realidade:



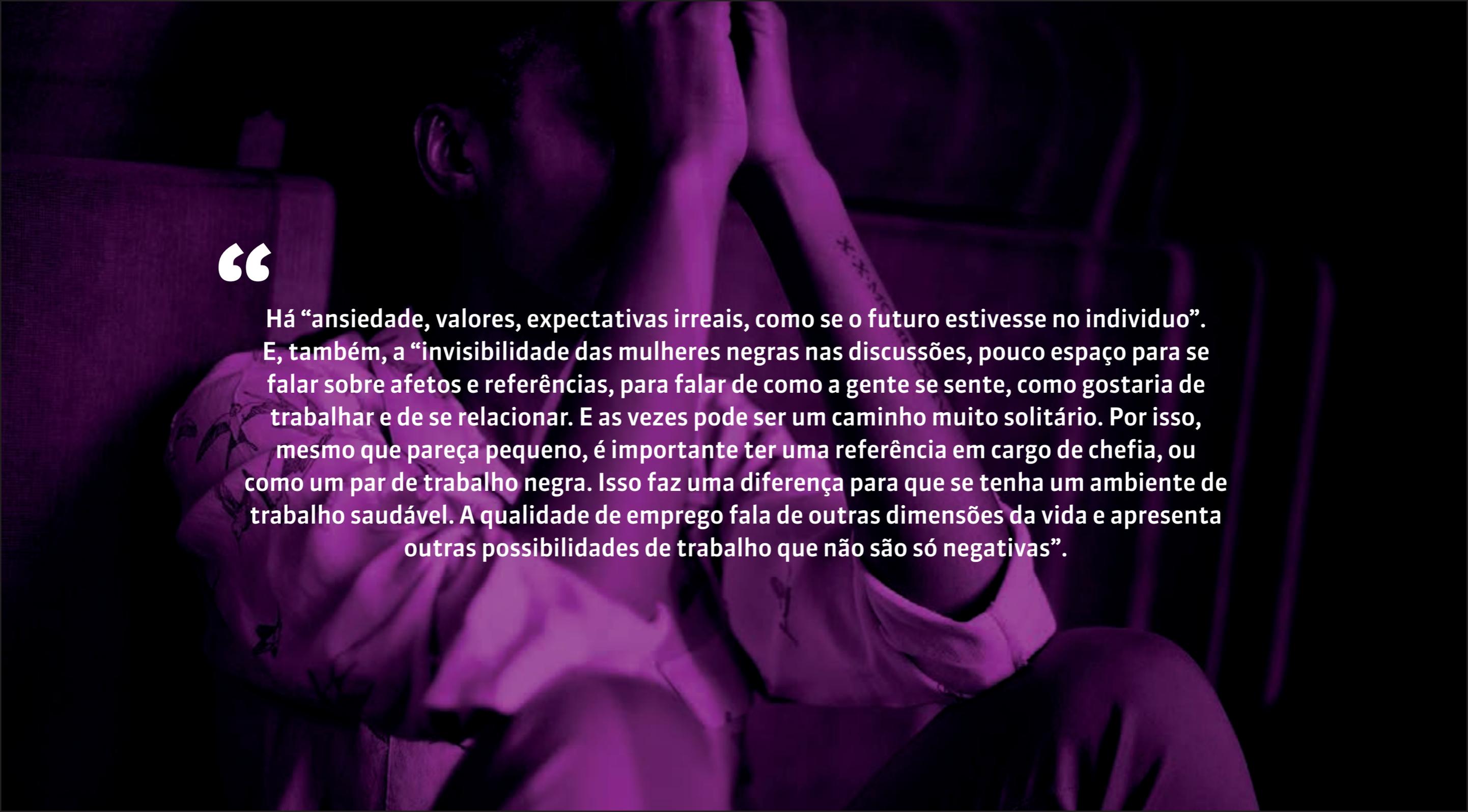
“

“esse ano eu tive um trabalho que era uma droga. Eu trabalhava 12h por dia, de madrugada. Só que lá a gente tinha uma equipe, a que eu fazia parte. A equipe inteira era só de pessoas LGBT`s e de negros. A gente acabou se juntando porque o pessoal excluía a gente. Uma vez a gente foi fazer a contagem num mercado e falaram que não queriam uma amiga nossa contando, que era uma mulher preta e trans. O gerente falou. A gente falou para ele: se uma de nós não ia trabalhar na loja, nenhuma de nós ia. Todos nós pegamos e fomos embora para casa”.

Essas são as alianças e os arranjos na vida precária para se criar possibilidades de cuidado e de ação conjunta diante da violência sobre um corpo negro e trans. Mesmo sabendo do risco de uma decisão como a que foi tomada. A reação da empresa foi a esperada:

“a gente saiu como errada. A empresa deu gancho na gente. A equipe inteira ficou uma semana sem trabalhar por causa de um negócio que o gerente estava errado”. Continuam, no “mundo do trabalho”, os pilares político-existenciais que determinam quem pode viver e quem não pode, quem pode acessar algum espaço e se mover por ele ou quem não deve passar pelas fronteiras permitidas.

O espaço do trabalho é marcado pela hospitalidade/hostilidade. Sem as ilusões e romantizações sobre os sujeitos, sem deixar de compreender as dinâmicas de constituição – mesmo “entre nossa gente” - da mulher negra como “o outro do outro” (KILOMBA, 2019) Se existem alianças, também se têm os conflitos e as tensões.



“

Há “ansiedade, valores, expectativas irreais, como se o futuro estivesse no indivíduo”. E, também, a “invisibilidade das mulheres negras nas discussões, pouco espaço para se falar sobre afetos e referências, para falar de como a gente se sente, como gostaria de trabalhar e de se relacionar. E as vezes pode ser um caminho muito solitário. Por isso, mesmo que pareça pequeno, é importante ter uma referência em cargo de chefia, ou como um par de trabalho negra. Isso faz uma diferença para que se tenha um ambiente de trabalho saudável. A qualidade de emprego fala de outras dimensões da vida e apresenta outras possibilidades de trabalho que não são só negativas”.



Com essa busca de referências, outro problema nos provocou: você tem uma mulher negra que admira e que influencia você? Ao falarmos de admiração nos relacionamos novamente com a imaginação e o desejo. Têm-se a coordenadora da formação do “mude com elas”, que “inspira”, “briga e acolhe”; a professora de sociologia/história que “nos ajuda, está nos atos, faz trabalho voluntário com a gente, fazia percussão com a gente e ainda tem os filhos”; as referências nas artes e nas mídias; a referência “na irmã”; “as pessoas com trabalhos sociais”; “a minha avó, que é de São Paulo e veio de Pernambuco. É uma guerreira”; “a minha mãe”, que é forte, brava, “a pessoa que eu mais admiro na minha vida, pela força e pelas lutas dela”. As redes próximas de afeto e cuidado ainda são aquelas que mais mobilizam perspectivas de futuro e de inspiração.

“EU DESTRUIRIA A ARMA”

Outro problema orientador se referiu à destruição: se você tivesse que destruir algo, o que você destruiria no trabalho? Audre Lorde, próxima a esse desejo, diz: “minha reação ao racismo é a raiva. Tenho vivido com essa raiva, ignorando-a, alimentando-me dela, aprendendo a usá-la antes que ela relegue ao lixo as minhas visões, durante boa parte da minha vida. Houve um tempo em que eu fazia isso em silêncio, com medo do fardo que teria que carregar. Meu medo da raiva não me ensinou nada. O seu medo dessa raiva também não vai ensinar nada a você. Mulheres que reagem ao racismo são mulheres que reagem à raiva; a raiva da exclusão, do privilégio que não é questionado, das distorções raciais, do silêncio, dos maus-tratos, dos estereótipos, da postura defensiva, do mau julgamento, da traição e da cooptação” (LORDE, 2019, p. 157).

Tomar a raiva, deixar-se levar por ela. Ela é “repleta de informação e energia” e é capaz de provocar destruições e colapsos. Não para gerar a culpa. Não há, como ainda afirma Audre Lorde, um “uso criativo na culpa” – em nós ou nos outros. A raiva é para provocar o fim de um mundo, o fim do mundo do trabalho como obrigação, necessidade e exploração. Ou como anunciava Lauren Olamina nas Parábolas do semeador: “o mundo que lhe foi dado conhecer está por um fio”. Falamos da destruição de um modo de “domínio e liderança”. Como? Uma jovem diz: na “destruição das armas e a sua lógica de poder dado ao homem-branco hétero”.

A arma como um símbolo de um modo de atuação e de um projeto de civilização

que se constitui na “violência e no genocídio”, no “desmatamento” e “ganância”. É, por exemplo, a estratégia da militarização de um estado securitário e suas políticas nas três esferas de governo. Mas não só aí. A arma como o símbolo do modo de vida que domina o outro – pela morte ou pelo medo.

É preciso “destruir a desigualdade racial e de gênero”, diz outra pessoa, agora expressa em um exemplo. “A gente tem que trabalhar dez vezes mais para conseguir o mesmo cargo que um homem-hétero-branco consegue fazendo nada. Quero ser gerente. O homem vai chegar lá, trabalhará um ano e será gerente. Eu, se quiser virar gerente, vou ter que trabalhar mais, fazer hora extra, mais dois anos para chegar em um cargo que ele conseguiu em menos de um ano”. Além disso, você “tem que ficar se provando, eu mereço esse cargo, tenho que bater meta e fazer mil e uma coisas. A gente não deveria provar nada para ninguém”. Sem contar que quando “você consegue a função, sempre existe a fala: uma hora ela vai desistir”. As tramas entre racismo e sexismo se constituem na dúvida permanente “da nossa capacidade intelectual, só por sermos mulheres negras, mulheres pretas”. Sem contar o outro modo da mesma violência: “ela fez algo para conseguir essa vaga”. Por isso, a destruição e a raiva são importantes e urgentes: saber nomear a tentativa de “domínio” e de “controle”, para saber “explodir”.

Cida Bento, sobre o trabalho, nos fala de um “pacto narcísico da branquitude e da masculinidade” ancorado no interesse e na aliança para se manter privilégios (BENTO, 2018, p. 39). O exemplo de Narciso é importante. O encanto é por sua própria imagem. Não há outro. Eco, nesse jogo, segue o peso de meramente repetir as palavras de Narciso. As palavras “corretas” da branquitude. Grada Kilomba, na performance *Ilusões, Narciso e Eco* (2016), nos conduz para essa imagem. Narciso, na mitologia grega, era um caçador, que já sabe e que decide não mais querer saber. Ele quer acreditar que a imagem a sua frente é uma outra pessoa, mas, na verdade, é a imagem de si mesmo. Por isso, a performance nos leva à ilusão de “que vivemos em um espaço branco, como um cubo branco, que exclui muitas outras identidades e marginaliza muitas outras identidades” (KILOMBA, 2016). Um cubo branco que se parece infinito. Mas essa marginalização não existe pela falta de conhecimento da “realidade” dos corpos negros. Ela acontece, aponta Grada Kilomba, como “um exercício de poder”.



No “cubo branco” do trabalho, é preciso “destruir a carga horária excessiva”. O modo de produção, desempenho e eficiência coloca o corpo como a máquina. O verdadeiro apagamento do corpo, em que se tem que “fazer coisa repetitiva, não pode conversar, não pode olhar para o lado. Não tem um momento que você pode respirar e se perguntar: eu estou bem?”. Não se tem a possibilidade do “respiro” – palavra tão repetida no diálogo. Todo o tempo é consumido para a operatividade esperada. Destruir o trabalho como impossibilidade do cuidado, da escuta e do olhar existencial. Que vida eu levo? Respirar como a experiência individual ou coletiva de suspender um modo de vida, de descansar, de buscar projetar, de construir pequenas “paragens”.

O trabalho, visto de modo transversal, evoca outras destruições: “destruir o ônibus e o trem lotado” e “destruir o horário de pico”. A mobilidade ocupa um lugar central na vida da cidade. Horas no trabalho e horas no transporte. Além disso, quem pode pagar para se mover? “Você acha justo pagar o transporte?”. A catraca é um símbolo da cidade dividida e desigual. Sabemos que “pelo tênue fio da tarifa é todo o sistema que desaba, do valor da força de trabalho a caminho do local de exploração à violência da cidade segregada rumo ao colapso ecológico” (ARANTES, 2013). A catraca destruída como uma imagem afrofuturista. Ela em chamadas representa o desejo de um fim que, por exemplo, aparece em junho de 2013 e evoca a possibilidade de outro uso da cidade.

“EU COLOQUEI A MINHA CADEIRA LÁ”

Os problemas finais se relacionam com essa realidade: o que eu desejo para o trabalho? Como o agir político pode nos ajudar? Para dizer esses desejos, resgatemos eros.

Audre Lorde relacionará o erótico e o poder. A educação dos corpos das mulheres passa pela negação dessa “força vital”. Ou: essa profundidade, no mundo masculino, tenta ser capturada para o serviço dos homens. Como exemplo, as mulheres podem ser postas numa “posição distante/inferior para serem ordenhadas psiquicamente, de maneira bastante parecida com as formigas, que mantém colônias de pulgões que fornecem uma substância nutritiva para seus líderes” (LORDE, 2019, p. 67). O sequestro da “força vital” nos coloca diante da insatisfação com o que fazemos, com a perda de sentido, com o reconhecimento de si no processo do cotidiano e da vida mesma. Por isso, a pergunta, já dita de modos diferentes em outros momentos do texto, reaparece: “com que frequência realmente amamos o nosso trabalho, inclusive os momentos mais difíceis?” (LORDE, 2019, p. 68). No “mundo do trabalho” neoliberal, o “bom” está relacionado ao lucro e à produtividade. De maneira horrorosa, rouba-se do “nosso trabalho o seu valor erótico, o seu poder erótico e o encanto pela vida e pela realização” (LORDE, 2019, p. 68). E como vimos em outro momento dessa sistematização, esse esquema nos coloca diante do trabalho como obrigação para a necessidade, “um dever pelo qual ganhamos o pão ou o esquecimento de quem somos e daqueles que amamos” (LORDE, 2019, p. 68).

Mas o erótico não está aí e nem aí permanece. Eros se relaciona com essa “fonte de energia revigorante e provocativa para as mulheres que não temem sua revelação” (LORDE, 2019, p. 67). O erótico não é sobre o que fazemos, ele diz “respeito à intensidade e à completude do que sentimos no fazer” (LORDE, 2019, p. 68). Quando falamos dos desejos, ouvimos um futuro com “um trampo que me deixe com a vida estável”, “um trampo que eu consiga viver”, “que tenha uma vida sociável”, “um trabalho que não sobrecarregue, que a gente consiga viver bem”.

A “força vital” aparece na negação da vida para o trabalho como mero meio de “pagamento do aluguel, água, luz e internet. E acabou o dinheiro”. Deseja-se um “trampo em que eu não fique lá somente no trabalho, trabalho, e não consiga fazer mais nada da minha vida, com um salário que eu mereça”. O trabalho não é o centro e a totalidade da existência. Essa é a provocação afrofuturista de “imaginar o futuro”, liberar a capacidade de criar um amanhã, com “mudanças genuínas em nosso mundo, em vez de apenas nos conformarmos com trocas de personagens no mesmo drama batido” (LORDE, 2019, p. 74).

É o que foi dito aqui: “como o projeto já mostrou pra mim, eu vejo que é preciso ter ações políticas para essas questões, desde a escola, porque a gente não sabe o que a gente quer ser. A gente vê a novela, a nossa família e isso causa uma influência. Por exemplo, de repente a minha mãe trabalhou como auxiliar de limpeza. Será que eu vou seguir isso? Por isso é importante ter projetos e espaços assim para que consiga abrir a nossa mente”.



Voltemos ao modo-de-dizer e a importância de dizer mundos. Algo que passa diretamente pela possibilidade ou não de se escutar e enunciar os desejos. O processo político, ao seguir uma efetiva participação,

“deveria ouvir mais as pessoas e não achar que só eles estão certos”. Esse movimento passa por uma radicalidade - “que tivesse democracia: o que vocês querem, qual a forma que vocês querem trabalhar? E assim fosse feito! Reformulassem as leis trabalhistas e colocassem elas de acordo com o que nós queremos”. No fundo, “querem falar por nós, acham que sabem o que a gente passa, nos acomodando no lugarzinho que colocaram a gente. Mas não é bem assim”.

Como nessa afirmação: “o sistema vai investir na gente para gente ser vendedora. Quando eu vejo muita oportunidade de curso é para os serviços inferiores.

‘A gente está dando essa oportunidade para você e será esse trabalho aqui’.



E, assim, vou “me humilhando para uma vaga que não quero”. Diante desse cenário, o desejo para se “assegurar direitos” aparece e passa pela “saúde da mulher”, “pelo salário digno”, por “uma segurança para as mulheres que têm que ficar até tarde no trabalho”, por se “ter o espaço de lazer, o momento de dar uma respirada. É muita meta, muita pressão. É ter um momento para ler o livro, comer um doce, jogar algo”.

O futuro não se mostra apenas como imaginação e criação. Há uma insegurança com o amanhã diante de um agora marcado por processos de intensa precarização e violência do trabalho. A grande maioria de jovens trabalha com “empregos domésticos, operadores de telemarketing, entregadores de aplicativos, ‘empreendedores’ em serviços e comércios de rua” (ABRAMO & SOBRINHO, 2021).

Com esse contexto, **“as leis trabalhistas precisam ser mudadas. Porque mudou a questão de ser temporário e não ser mais fixo. A empresa pode desvincular você do contrato. Tem a contribuição para o INSS. Essas políticas fazem a gente perguntar se vale a pena estar naquele emprego. Enquanto eles herdarem, a gente está aqui trabalhando, trabalhando”**.



Busquemos, então, a resposta de Lauren Olamina sobre “como ler o futuro”: “é assustador, mas depois que você atravessa o medo, é fácil”. No começo do nosso diálogo, ouvimos um relato: “faz duas semanas que sai de um salão e agora eu voltei a trabalhar por conta própria. Estou trançando. A minha sogra abriu um espaço no salão dela pra mim e eu coloquei a minha cadeira lá”. Pense nesse gesto. Podemos falar dos modos de cuidado e da aliança para se lidar com o desemprego, a criação de outro modo de se sustentar. Mas também pensemos como uma metáfora. Por um momento, pelo menos, tenhamos uma fuga dos discursos e leituras pragmáticas. Talvez uma imagem do amanhã esteja aqui: “eu coloquei a minha cadeira lá” - uma capacidade erótica de ocupar o futuro.



#MUDECOMEIAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel & SOBRINHO, André. **A juventude na mira da pandemia**. Folha de São Paulo, 25 de abril de 2021.

ARANTES, Paulo. **O futuro que passou**. O Estado de São Paulo, 22 de junho de 2013.

ARCEBI, Gabriela Pereira. **Projeto curas e processos etnográficos cocriados**. Paper apresentado nas Jornadas John Monteiro (UNICAMP), 2021. Não publicado.

BENTO, Cida. INSTITUTO IBIRAPITANGA. **Equidade racial: desafios no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Instituto Ibirapitanga, 2018.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

CONJUVE. **Juventudes e a pandemia do Coronavírus** – edição especial sobre a cidade de São Paulo. 2ª Edição. 2021.

DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DERY, Mark. **De volta para o afortunado** – entrevistas com Samuel R. Delany, Greg Tate e Tricia Rose. Revista Ponto Virgulina, 2020.

DIEESE. **Desigualdade entre negros e não negros se aprofunda durante a pandemia**. Boletim especial – Dia da Consciência Negra, 19 de novembro de 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GOYN. **Mapeamento dos Jovens-Potência na cidade de São Paulo**. São Paulo: GOYN/The Aspen Institute, 2020.

HARNEY, Stefano & MOTEN, Fred. **All incomplete**. Nova Iorque: Minor Compositions, 2021. Tradução livre e não publicada de Bru Pereira.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Primeiro Trimestre. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

KILOMBA, Grada. **Illusions vol 1, Narcissus and Echo**. 32ª Bienal de São Paulo. Entrevista a Mariana Tessitore. Vimeo Grada Kilomba, 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios do racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Caracterização da taxa de desemprego de longo prazo brasileira**. Nota técnica. 17 de agosto de 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Lauren Olamina e eu nos portões do fim do mundo**. Oficina de imaginação política. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

MORAES, Alana et al. **A periferia contra o estado? Para escapar das ciências tristes! Criemos outras possibilidades**. Urucum, 2017.

SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**. São Paulo: Casa do Povo, 2019.

SILVA, Denise Ferreira da. **Um fim para este mundo**. Revista DR. Edição 5, 2020.

Equipe de Comunicação Ação Educativa

Equipe Comunicação e Centro de Eventos

Juliane Cintra | Coordenadora de Comunicação, Tecnologia da Informação e Centro de Eventos

Raquel Luanda | Supervisora do Centro de Eventos e Assessora de Juventude

Thiago Teixeira | Assessor de Comunicação

Bea Andrade | Produtora de Eventos

Alef Castro | Estagiário de Comunicação

Gledson Neix | Assessor de Mídias Sociais

Pesquisador

Daniel Souza

Projeto Gráfico e Edição

Piera Peral, Fernanda Kellen e Carol Peixinho

Equipe Projeto Mude com Elas

Lucia Udemezue | Coordenadora do projeto

Giselda Perê | Educadora do projeto

Micoli Cerqueira | Estagiária de comunicação do projeto

Gabriel Di Pierro | Coordenador da área de juventude

Michele Dayane | Analista de RH & DP da Ação Educativa

Lista das jovens:

Paula Queren Chaves Moura

Yara Clarindo dos Santos

Jéssica Santos de Oliveira

Maria Luiza Lucas de Resende

Allexia Cristina Antuona de Castro Silva

Gabriela Elisa Rufino Rodrigues dos Santos

Beatriz Souza dos Santos

Pamela Chaves de Moura

Ana Tiffany Zito Silva

Camilla Eduarda De Oliveira Silva



Parceiros

